

Thaís Magnino Marquez Massaro

“Elle est Delphine”: O duplo no filme *Baseado em Fatos Reais*

Uberlândia

2025

Thaís Magnino Marquez Massaro

“Elle est Delphine”: O duplo no filme *Baseado em Fatos Reais*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Psicologia da Universidade
Federal de Uberlândia, como requisito parcial à
obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.
Orientadora: Profa. Dra. Lucianne Sant’Anna
de Menezes

Uberlândia

2025

Thaís Magnino Marquez Massaro

“Elle est Delphine”: O duplo no filme *Baseado em Fatos Reais*

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Lucianne Sant’Anna de Menezes

Banca Examinadora

Uberlândia, 12 de setembro de 2025

Profª Drª Lucianne Sant’Anna de Menezes – Orientadora

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Drª Layla Raquel Silva Gomes

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Me. Luciano Henrique Moreira Santos

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

UBERLÂNDIA

2025

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos professores do Instituto de Psicologia que marcaram o percurso da minha graduação, sobretudo à minha orientadora, Lucianne Sant’Anna de Menezes, que não apenas me instruiu ao longo da escrita deste trabalho, como também me acompanhou como supervisora durante minhas primeiras experiências clínicas. Agradeço aos meus familiares, especialmente aos meus pais a quem devo absolutamente tudo, Paulo Eduardo Massaro e Patrícia Magnino Marquez Massaro, por me permitirem trilhar meu caminho, sempre amparada pelo amor incondicional de vocês. Agradeço às amigas com as quais fui presenteada ao longo da graduação, e aos amigos que permanecem hoje, desde tempos anteriores. A presença de vocês é fundamental em minha trajetória e carrego sempre cada um de vocês no coração. Agradeço, notadamente, ao meu *companheiro de vida*, Guilherme Tulio Mansour Simão. Obrigada por uma década de momentos juntos, que equivalem uma existência de felicidade. Não há palavras que expressem meu amor por você. Por último, gostaria de homenagear minhas colegas de turma, Camila Nascimento Santos e Yasmin Duarte Campos. Suas paixões seguem em nós.

RESUMO

Na interface da psicanálise com a arte, este trabalho objetiva ilustrar o fenômeno do duplo na psicose, com ênfase no aspecto persecutório, a partir do filme *Baseado em Fatos Reais*. Trata-se de uma pesquisa na dimensão de extensão do método psicanalítico, em que foi possível demonstrar a hipótese de que a relação que assistimos ao longo da trama entre as personagens Delphine e Elle, expressa a construção do duplo na psicose. Nesta, há um rasgo na relação do Eu com o mundo externo por conta da recusa (*Verwerfung*) primária da realidade. Buscando reorganizar simbolicamente a realidade que foi recusada, o sujeito tenta reconstruí-la através do delírio. Em um primeiro momento, a construção de um duplo aparece como uma tentativa de estabilização e proteção frente às ameaças de desintegração: o sujeito identifica-se narcisicamente com os aspectos bons de seu duplo, e projeta nele os conteúdos indesejáveis. Porém essa formação carrega uma tensão intrínseca que faz inverter o seu papel, tornando-se a própria ameaça, o perseguidor, como ocorre na paranoia. Nesse sentido, foi possível atestar que Elle é Delphine.

Palavras-chave: Psicanálise; psicose; duplo; delírio; psicanálise extensa

ABSTRACT

At the intersection between psychoanalysis and art, this study aims to illustrate the phenomenon of the double in psychosis, with an emphasis on its persecutory aspect, through an analysis of the film *Based on a True Story*. This is a research project situated within the scope of the extension of the psychoanalytic method, in which it was possible to demonstrate the hypothesis: that the relationship portrayed throughout the film between the characters Delphine and Elle expresses the construction of the double in psychosis. In this clinical structure, there is a rupture in the relationship between the ego and the external world due to the primary rejection (*Verwerfung*) of reality. In an attempt to symbolically reorganize the rejected reality, the subject seeks to reconstruct it through delusion. In the beginning, the construction of a double appears as an attempt at stabilization and protection against threats of psychic disintegration: the subject narcissistically identifies with the idealized aspects of the double and projects undesirable contents onto it. However, this formation carries an intrinsic tension that ultimately inverts its function, becoming the very threat, the persecutor, as occurs in paranoia. In this sense, it was possible to establish that Elle is Delphine.

Palavras-chave: Psychoanalysis; psychosis; double; delusion; extended psychoanalysis

SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO</i>	<i>1</i>
<i>1. UM RECORTE DO FILME “BASEADO EM FATOS REAIS”</i>	<i>7</i>
<i>2. NARCISISMO E PSICOSE</i>	<i>12</i>
<i>3. LACAN: O ESTÁDIO DO ESPELHO E A PSICOSE</i>	<i>16</i>
<i>4. O DUPLO: “ELLE EST DELPHINE”</i>	<i>18</i>
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	<i>28</i>
<i>REFERÊNCIAS</i>	<i>32</i>

INTRODUÇÃO

Mesmo antes de ingressar na graduação, quando minha proximidade com a Psicanálise limitava-se apenas a minha experiência como analisanda, algo no campo das psicoses já me intrigava - algo que só pude compreender e nomear a partir do momento em que me vejo já como estudante. Percebo hoje que esse interesse desconhecido, no início, fazia-se presente principalmente no campo da estética. Seja nas artes plásticas, em narrativas literárias, ou em obras cinematográficas, frequentemente me via interessada em expressões, histórias e imagens que de alguma maneira ilustravam o inconsciente a céu aberto. Não aleatoriamente, durante minha graduação essa mesma disposição enigmática me aproximou de experiências clínicas e em serviços de internação psiquiátrica, nas quais pude não só conhecer intimamente essa realidade, mas também compreender e confirmar minha atração pelo universo das psicoses.

Ao conceber a psicose como um conflito entre o Eu e a realidade externa, Freud (1911/2010, 1924a/2011, 1924b/2011) a caracteriza tanto como uma forma singular da relação entre o sujeito, o mundo e seus objetos, quanto como um modo especial de expressão do sofrimento psíquico. Nesse modo de funcionamento, o mecanismo de defesa privilegiado é a recusa (*Verwerfung*) da realidade, o que exige a reparação do vínculo rompido através de uma construção própria: o delírio, que aparece como um remendo nessa relação, como uma tentativa de reconstrução do mundo simbolicamente desorganizado. Porém, esse processo mostra-se insuficiente uma vez que não restaura plenamente a diferenciação entre o interno e o externo, levando a uma indiscriminação entre os conteúdos psíquicos e a realidade objetiva.

Compreendi, assim, que minha atração inquietante pelo universo psicótico advém dos seguintes questionamentos: como é esse sofrimento tão intenso, capaz de exigir tamanha fissura? Como acolhê-lo?

A partir dessas inquietações, me percebo inclinada ao estudo e a pesquisa do que me aproxime dessas compreensões. Nesse sentido, Menezes (2016) reafirma a proposta de que a transferência não se restringe à situação analítica (clínica), e retoma sua dimensão como um campo intersubjetivo no qual ocorre a comunicação inconsciente. Soma-se a isso a discussão de Rosa (2004) sobre a escolha do objeto da pesquisa psicanalítica, que é construído pela e na transferência. Logo, a questão a ser estudada pelo pesquisador não é dada a priori, mas é na verdade construída pelo intercâmbio entre o objeto escolhido e os aspectos internos e inconscientes do pesquisador que são sensibilizados por estes, e que, portanto, mobilizam também esta escolha.

Há algum tempo quando assisti ao filme “Baseado em Fatos Reais”, fui atravessada por esta disposição enigmática. Contudo, felizmente já no final da graduação, me vi munida de ferramentas suficientes para investigar essa inquietação. O filme francês, dirigido por Roman Polanski é uma adaptação do livro, com mesmo nome, escrito por Delphine de Vigan. É pertinente mencionar que mesmo a literatura e o cinema sendo formatos distintos de produções, existe um ponto de intersecção que surge a partir da questão estética dos textos literários, possibilitando o surgimento das adaptações cinematográficas, segundo Bruno (2024). Ainda de acordo com o autor, partindo de uma visão freudiana, é possível pensar o cinema como uma projeção audiovisual dos conteúdos que a literatura busca manter escondidos, uma libertação da narração que se expande através da plástica e da imagética. Sucintamente, o enredo desta produção cinematográfica centra-se na personagem Delphine Dayrieux, uma escritora que passa por um momento difícil após sua última publicação de sucesso. Em uma tarde de autógrafo, Delphine encontra-se com Elle, e é a partir desse encontro que a trama entre a personagem e seu duplo se desenvolve.

A aparição de um duplo como uma presença que ao mesmo tempo encanta e atormenta o sujeito, e que a partir do encontro com este, desencadeia uma sequência de eventos

perturbadores em sua vida, provoca nos leitores e telespectadores a sensação de estranheza e simultaneamente de familiaridade, um envolvimento no qual tenta-se entender e desvendar o mistério que fundamenta a relação entre os personagens (Bruno, 2024). Assim acontece no filme de Polanski entre Delphine e Elle, nome inclusive homônimo ao pronome francês “elle”, que significa “ela” ou “aquele/aquela”, usado no lugar de um substantivo feminino quando este é o sujeito da frase: “Elle est Delphine”.

Conforme aponta Bruno (2024), são muitos os aspectos ilustrados por meio da relação entre o sujeito e seu duplo, um tema que aparece na tradição literária em diferentes formas e contextos ao longo da história, sobretudo a partir do século XIX. Dentre estes, destacamos dois que são relevantes para este trabalho. A temática do duplo representa os conflitos internos do sujeito, sobretudo aqueles originados pelos estranhos-familiares, conhecidos-desconhecidos, e, portanto, o conflito entre o sujeito e seu duplo é, em última instância, um conflito interno do próprio indivíduo. Também, frequentemente o duplo assume carácter persecutório e usurpador na vida do sujeito, que enlouquece em decorrência dessa aparição e torna-se obcecado por seu duplo, ao passo que este torna-se cada vez mais imperativo, característica marcante em “Baseado em Fatos Reais”.

Nesse contexto, o objetivo geral desta investigação é ilustrar o fenômeno do duplo na psicose, com ênfase na dimensão persecutória, a partir do filme “Baseado em Fatos Reais”.

Trata-se de uma pesquisa de referencial psicanalítico, na dimensão de extensão do método (Rosa, 2004, Menezes, 2016) e sua interface com arte, proposta por Freud (1926b) como ‘psicanálise aplicada’. Ao caracterizar a Psicanálise a partir de três aspectos inseparáveis - um método de investigação do inconsciente; uma forma de tratamento baseada nesse método; e uma teoria resultante do que este método produz (ciência) - Freud (1916-1917a, 1916-1917b, 1923a) discute que o que caracteriza a psicanálise não é a matéria da qual trata, mas o método com que trabalha, e que portanto não há violação de sua natureza ao empregá-la em outras

ciências, como o estudo da arte, da religião, da mitologia, do folclore, da literatura, da linguística, da etnopsicologia, e dentre outras. Isto pois ao revelar que o inconsciente está presente em todas as criações do espírito humano, Freud (1924c, 1926b) enfatiza a possibilidade de resultados frutíferos e importantes a partir do empreendimento da psicanálise nestas outras dimensões de produção humana.

Como apresenta Menezes (2016), a psicanálise tem início com a investigação clínica e expande-se em uma teoria da cultura, evidenciando a possibilidade de extensão do método psicanalítico interpretativo para além da prática terapêutica no consultório e da psicologia individual. A extensão do método atinge assim o alcance de tudo aquilo que é relativo às diferentes manifestações da psique (Hermann, 2015). Portanto, a verdade do sujeito é não mais ditada pelo terreno da consciência, mas pelo do estranho hóspede, desconhecido (Freire, 2004).

Em “O inquietante” (1919/2010), Freud aponta que:

É raro o psicanalista sentir-se inclinado a investigações estéticas, mesmo quando a estética não é limitada à teoria do belo, mas definida como teoria das qualidades de nosso sentir. Ele trabalha em outras camadas da vida psíquica, e pouco lida com as emoções atenuadas, inibidas quanto à meta, dependentes de muitos fatores concomitantes, que geralmente, constituem o material da estética. Pode ocorrer, no entanto, que ele venha a se interessar por um âmbito particular da estética, e então este será, provavelmente, um âmbito marginal, negligenciado pela literatura especializada na matéria. “O inquietante” é um desses domínios. (p. 329).

No texto mencionado acima, além de enfatizar as motivações subjetivas que movem o psicanalista em direção ao objeto de estudo da pesquisa psicanalítica, sobretudo no campo da estética, Freud também discorre, a partir da análise de narrativas literárias fantásticas, sobre a sensação de estranhamento suscitada a partir do encontro com o que nos parece infamiliar, e

mais especificamente, a respeito do carácter familiar deste estranhamento, produzindo o inquietante.

Ainda neste texto, Freud cita as contribuições de Otto Rank, que se dedicou à investigação sobre a temática do duplo no livro “O Duplo: um ensaio psicanalítico” (1914). Nesse, o autor estuda sobre as manifestações do duplo na literatura em articulação com a teoria psicanalítica, buscando discutir a relação entre o fenômeno do duplo, o funcionamento psíquico e a psicopatologia. Assim como é possível notar que algo deste conteúdo veio a influenciar o texto freudiano de 1919 (Martins, 2017), é seguro dizer que ambos são fundamentais para a interpretação e análise da relação que se desenvolve entre Delphine e Elle no filme de Polanski.

Para levar a cabo esta proposta, primeiro, foi realizado um levantamento bibliográfico, a partir dos anos 2000 e no idioma português, pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a partir do cruzamento variado dos seguintes descritores: duplo, delírio, paranoia, psicanálise, psicose. O mesmo foi feito nas bases de dados Scielo, Psychoanalytic Electronic Publishing (PEP) e Pepsic, e no portal de Teses e Dissertações da UFU, USP, UFRJ e Unicamp.

Foram encontrados vinte oito artigos, sete teses e sete dissertações, entre os quais foram selecionados quatro artigos, três teses e quatro dissertações, por atenderem aos seguintes critérios de inclusão: utilizar a abordagem psicanalítica; utilizar como bibliografia textos fundamentais da obra freudiana para o tema em questão; trabalhar a temática do duplo em articulação com a teoria da psicose em Freud e Lacan; e trabalhar a temática do duplo em articulação com a construção delirante e a paranoia.

Os quatro artigos escolhidos foram: “Eu sou o meu próprio inferno - Considerações sobre o superego e o duplo: os íntimos estrangeiros” (Marte, 2021); “O duplo como fenômeno psíquico” (Barbosa et al., 2013); “O rival semelhante - uma resenha crítica sobre O duplo de Otto Rank” (Martini, 2020); e “Considerações acerca do superego a partir do caso Schreber”

(Fontenele & Nunes, 2016). As três teses: “Paranoia e alteridade: o duplo perseguidor” (Jesus, 2016); “O fenômeno do duplo na clínica com as psicoses” (Nascimento, 2020); e “A experiência do duplo especular nas psicoses” (Martins, 2017). As quatro dissertações: “O duplo na literatura e na psicanálise: entre o terror e o fascínio” (Birck, 2017); “Do delirante ao ficcional: um estudo sobre a situação psicanalítica em um caso de paranoia” (Freire, 2004); “A escritura psicótica” (Freire, 2001); e “O duplo na literatura: O duplo da literatura” (Bruno, 2024).

A análise do material selecionado para o estudo foi orientada pela escuta e transferência instrumentalizada do pesquisador em relação ao texto escrito (Iribarry, 2003), um tipo de leitura flutuante, que permitiu levantar a hipótese inicial do estudo: Elle seria o duplo de Delphine, e se apresenta no delírio da personagem. Este repertório conceitual foi colocado em interlocução com textos de Freud, relativos ao objeto recortado para investigação, e com o livro “Sobre a Psicose” (1999) de Joel Birman, comentador de Lacan, de modo que em seu conjunto, todo o material foi remetido ao objetivo da pesquisa, visando considerações finais.

Para tanto, primeiro foi realizado um recorte do filme, procurando construir as principais questões desenvolvidas na pesquisa. Na sequência, introduzimos alguns conceitos e discussões sobre o narcisismo e a psicose em Freud e Lacan, para realizar a interface proposta com a teoria psicanalítica. Por fim, procurou-se caracterizar o duplo a partir dos conceitos psicanalíticos trabalhados, levantando questionamentos sobre a trama, a fim de obter subsídios para uma análise do filme. Com isso, foi possível traçar articulações entre o duplo e a relação ambivalente e inquietante que observamos entre Elle e Delphine.

Convidamos o leitor a nos acompanhar na interessante investigação do fenômeno do duplo pelo universo da psicose, um tema especialmente estimulante quando ilustrado através da estética e da ficção, como no caso do filme privilegiado para este trabalho, *Baseado em Fatos Reais*.

1. UM RECORTE DO FILME “BASEADO EM FATOS REAIS”

O filme francês dirigido por Roman Polanski é uma produção do gênero suspense psicológico, com duração de 110 minutos, exibido pela primeira vez em 2017 no festival de Cannes, França, e em 2018 no Brasil. O filme é uma adaptação do livro com mesmo nome, escrito pela francesa Delphine de Vigan em 2015. Sucintamente, o enredo do filme centra-se na personagem Delphine Dayrieux, uma escritora que passa por um momento difícil após sua última publicação de sucesso. Delphine encontra-se com Elle, e é a partir desse encontro que a trama se desenvolve.

As duas se encontram pela primeira vez na cena inicial do filme, enquanto Delphine realiza uma sessão de autógrafos de seu livro mais recente. Ao longo da trama, deduzimos que a história contada no livro da personagem diz sobre o adoecimento psíquico de sua mãe, e sua hospitalização com um trágico final. A sessão de autógrafos acontece em um ambiente povoado e muito barulhento. Os agradecimentos e relatos sensíveis dos fãs, que se aproximam um por um, angustiam Delphine. Ela pede que a sessão termine antecipadamente, provocando grande insatisfação por parte do público que a aguardava. Aflita em meio a confusão, Delphine escuta uma voz aveludada: “Vamos lá, um último esforço... para sua grande admiradora.”. O barulho cessa-se e a multidão desaparece.

Delphine levanta o olhar e vê uma mulher que, assim como ela tem a pele branca, olhos azuis e cabelo curto avermelhado, mas cuja aparência é mais jovem, elegante e sensual – é Elle, que insiste:

- “Seja discreta, ninguém nos verá.”

- “Mais um livro e desabo. É o que vai acontecer.”, responde Delphine enquanto a olha intrigada e com fascínio, como se estivesse seduzida, enfeitiçada. Ficam próximas uma a outra, como uma imagem refletida no espelho.

As duas se encontram novamente em uma festa organizada em homenagem ao sucesso de Delphine. Um editor parabeniza a escritora pelo livro e contente, comemora o lucro sobre vendas. Assim como na sessão de autógrafos, um mal-estar toma conta da escritora quando escuta o comentário sobre seu livro. Delphine vê Elle fumando sozinha e se aproxima. Elle elogia o trabalho da escritora e afirma sentir uma conexão muito pessoal com sua escrita. Sem entrar em detalhes, Delphine compartilha que seu último lançamento é uma obra particularmente difícil. Em resposta, Elle diz: “O atual momento não deve estar sendo fácil. O sucesso, os comentários, a reação da sua família. Essa exposição repentina. Deve haver um risco de colapso.”.

A angústia de Delphine em relação ao sucesso do livro é algo que a acompanha durante toda a trama. Tanto os elogios como as críticas, e até mesmo as histórias sensíveis de fãs que compartilham vivências similares, provocam nela sentimentos de culpa e raiva. Supostamente, Delphine recebe cartas de familiares nas quais é acusada de explorar a triste história da mãe com o intuito de atingir fama, reconhecimento e lucro, de ser um fardo e motivo de vergonha. São nesses momentos de profunda angústia, desespero e tristeza que Elle aparece.

A relação entre Delphine e Elle rapidamente se intensifica. Delphine passa por um período de muita morosidade, apatia e ansiedade. Não consegue produzir no trabalho, e tão pouco mantém uma vida pessoal satisfatória. Sempre disposta a ajudar, Elle se envolve cada vez mais na vida de Delphine, que transfere a ela suas responsabilidades e a concede autonomia sobre suas decisões. Elle se muda para o apartamento de Delphine, passa a organizar seus compromissos, a conciliar suas demandas profissionais e pessoais, e até mesmo a se passar por ela em alguns momentos, dada a semelhança entre as duas. “Você está salvando minha vida.” diz Delphine.

Todavia, simultaneamente ao fortalecimento deste vínculo, percebemos algumas coincidências e incoerências que provocam uma sensação de estranheza inquietante. Elle

também se diz uma escritora, um tipo de autora que autobiografa celebridades anonimamente. É viúva e não tem descendentes. Delphine é casada mas não mora com o marido, e seus filhos vivem no exterior. Sente-se sozinha e abandonada por sua família. Antes de morarem juntas, Elle e Delphine moravam sozinhas em apartamentos quase vizinhos. Além disso, Elle confessa que sua mãe também cometeu suicídio, e que durante esse difícil momento, pode contar com uma amiga imaginária, Kiki.

Ademais, não vemos Elle conversar com ninguém além de Delphine, e quando se encontram em público, é como se os outros não a notassem. Ainda, a única que fuma é Elle, mas, é Delphine quem guarda um maço de cigarro e um isqueiro na bolsa e na cabeceira da cama. As cadernetas que Delphine usa para seus rascunhos literários e registros pessoais, e que mostra para Elle na segunda vez que se encontram, são as mesmas que mostra ao marido dias depois, dizendo terem sido um presente de Elle. Ambas usam as mesmas peças de roupa e tomam o mesmo vinho, Tariquet.

A medida em que se tornam cada vez mais intercambiáveis, a relação entre Delphine e Elle começa a mudar. Surgem algumas desavenças e conflitos. Delphine se irrita com as intromissões e insistências de Elle, que assume características cada vez mais controladoras, ameaçadoras, agressivas, possessivas e persecutórias. Delphine descobre mentiras e enganações, percebe que Elle a manipula, enclausura e sabota suas relações interpessoais e profissionais.

Um tópico especialmente conflituoso entre as duas é sobre o próximo livro de Delphine, que está determinada a escrever uma história fictícia. Contrariada, Elle insiste que Delphine deveria se dedicar a revelar, através de sua escrita, a verdade íntima e oculta que esconde e rejeita. As duas discutem. “Pare! Cansei disso! Pare de me atormentar!” diz Delphine. A tensão atinge um ponto insustentável, provocando um distanciamento momentâneo.

Porém, a fragilidade e o desamparo de Delphine exigem uma reaproximação. Sua dependência, agora inclusive motora devido a um acidente que sofreu ao cair das escadas em seu prédio, faz com que Elle volte a assumir as funções de proteção e de cuidado. As duas se mudam temporariamente para o chalé do marido, que estava viajando a trabalho. Com o passar do tempo, a convivência entre Delphine e Elle parece novamente harmoniosa. Delphine sente-se inspirada em escrever sobre Elle, mas decide manter segredo, e conta apenas que está fazendo anotações para um novo livro: “Algo muito pessoal. Que me afeta do ponto de vista íntimo.”. “Quer dizer autobiográfico?”, pergunta Elle sorrindo. “Sim. Tenho receio de dizer mais. Ainda é muito frágil. Tipo uma confissão.”, Delphine responde. Ainda curiosa, Elle pergunta: “Trata-se do seu livro escondido?”. “Claro. Vai ser difícil. Mas você tinha razão, é hora de enfrentar isso.”, diz Delphine. Elle também compartilha que começou um novo projeto, e não revela sobre quem está escrevendo.

Ao longo dos dias, Delphine escreve rascunhos em suas cadernetas, escondido de Elle. Ao invés de escolher a que usa para projetos literários, escreve na que usa para registros íntimos e pessoais. Certo dia Elle entra no quarto de Delphine, apavorada por ter visto ratos na casa, e decidida de que precisam de veneno para combatê-los. Em meio a confusão, Elle percebe as anotações de Delphine. No dia seguinte, Delphine acorda se sentindo mal, e só piora com o passar do tempo. Febre alta, fraqueza e enjoos. Delphine está muito doente e não consegue se levantar da cama.

A relação entre Elle e Delphine começa a mudar novamente. Elle fica agressiva, e Delphine com medo. À noite, sozinha no quarto Delphine tenta se levantar, ainda muito fraca. Busca por seu telefone, mas percebe que Elle o levou. Ela então busca por seu caderno de anotações, e percebe as páginas escritas haviam sido arrancadas. Reúne forças e decide sair do chalé. Ainda muito debilitada, ela tenta chegar até a casa mais próxima. Contudo, no caminho um carro surge na rodovia e avança em sua direção sobre a calçada.

Delphine acorda no hospital, acompanhada de seu marido, François. Ele se aproxima, preocupado: “Que susto me deu. Explique. Não entendo. Sou eu? A culpa é minha? É porque nunca estou aqui? Peguei o primeiro avião. Você teve sorte. Encontraram você a tempo. Por que você quis se matar?”. Delphine o olha confusa e diz: “Eu não quis me matar.”. François responde que seus exames indicavam que ingestão de veneno de rato. Ele insiste que ligou várias vezes, mas que o celular de Delphine estava sempre desligado: “Precisa acreditar em mim. Nunca falei com a Elle. Entende? Nem hoje, nem nunca!”. Delphine insiste: “Ele tinha me envenenado!”. Seu marido suspira, frustrado. Ela suplica para que acredite no que diz.

Alguns dias depois, Delphine se encontra com sua publicista, Karina. Empolgada, ela conta que está encantada com o novo manuscrito de Delphine. “Karina, não escrevo há três anos. Não mandei nenhum manuscrito.”, diz Delphine. Karina insiste que recebeu o texto de Delphine. “Foi outra pessoa que escreveu. Foi a Elle.”. Karina olha para Delphine, preocupada, mas não diz nada.

Mais um tempo parece ter passado. O cenário é o mesmo da primeira cena. Em um ambiente povoado e muito barulhento, Delphine realiza uma sessão de autógrafos do novo livro. Assim como sua publicação anterior, esta também atingiu grande sucesso. A escritora escuta os agradecimentos de seus fãs, que se aproximam um por um, enquanto assina seus exemplares. “Para quem é?”, pergunta Delphine para a próxima pessoa na fila. “Para Elle”, Delphine escuta uma voz conhecida. Levanta o olhar e a vê. As duas se olham em silêncio. Elle desaparece após alguns segundos.

Na folha de rosto do novo livro de Delphine está impresso o título *D’après une histoire vraie* (Baseado em Fatos Reais). As palavras aparecem centralizadas na tela, e então sobem os créditos do filme.

2. NARCISISMO E PSICOSE

Com o texto “Introdução ao Narcisismo” (1914/2010), Freud amplia sua compreensão sobre esse importante conceito ao afirmar que, para além de um estado do desenvolvimento libidinal, o narcisismo se trata na verdade de um processo de organização do Eu (Jesus, 2016). No início do desenvolvimento psicosssexual, o Eu antes de tudo é um Eu corporal, que necessita da presença constitutiva das figuras parentais que o permitam experimentar um estado de satisfação em si mesmo e as fantasias e as sensações de onipotência, quando ainda não há uma diferenciação entre o Eu e o outro (objeto). Este é o narcisismo primário, um estado precoce em que a criança investe totalmente a libido em si mesma, ocorrendo uma idealização do Eu, e assim se forma o Eu ideal, em que o ideal é o próprio eu.

No desenvolvimento de uma estrutura neurótica, com a imposição da realidade e a exigência da castração, parte da libido é recalcada, e dirige-se ao investimento nos objetos, e parte mantém-se retida no Eu, dando origem a uma instância secundária, o Ideal do Eu. Ele surge da convergência do narcisismo e as identificações com as imagos parentais, seus substitutos e o coletivo (Laplanche e Pontalis, 1970). O ideal do Eu se constitui em um modelo para o sujeito seguir, é um substituto do narcisismo da infância (Freud, 1914/2010) e será o alicerce para a formação do Supereu, através da internalização dessas figuras em um processo de “despersonalização”, assumindo um caráter mais “impessoal” e “interno” (Fontenele & Nunes, 2016).

Na psicose, o processo descrito acima se dá de maneira diferente. Freud (1914) nos apresenta uma compreensão sobre a etiologia da psicose a partir da organização libidinal e da formação do Eu, afirmando que este processo estancaria no funcionamento do narcisismo primário, uma vez que diferentemente do que acontece nas neuroses, não se dá o sepultamento do Édipo e a consequente formação do Supereu. Nos textos de 1924 (“Neurose e Psicose” e “A

perda da realidade na neurose e na psicose”) e em o “Ego e o Id” (1923), Freud amplia sua compreensão sobre a psicose, e afirma que esta seria resultado da imposição de uma realidade tão insuportável que exige uma recusa (*Verwerfung*), provocando um conflito entre o Eu e o mundo externo, e levando a uma indiscriminação entre os conteúdos psíquicos e a realidade externa.

No ‘caso Schreber’, Freud (1911) já demonstrava, assim como nos textos de 1924, que o delírio atua como uma tentativa de remendo da fissura que se abre na relação entre o Eu e a realidade externa, como uma tentativa de reconstrução e organização do mundo. Na paranoia, os conteúdos que são repugnantes ao sujeito aparecem no sistema delirante como algo exterior, imposto por um estranho, pois assim se defende das ameaças internas colocando a figura, antes amada, como odiada e temida: seu perseguidor. O paranoico se defende de um conflito homossexual, através da projeção e do delírio, baseado em contradizer a preposição de que “*Eu* (um homem) *amo ele* (um homem)” (Freud, 1911/2010, p.83).

A contradição ocorre por meio dos delírios: de perseguição (“Eu não o amo, eu o odeio; é ele quem me odeia, porque ele me persegue”), da erotomania (“Eu não o amo, eu a amo; é ela quem me ama, e eu a amo porque ela me ama”), dos delírios de ciúme (“Eu não o amo, é ela que o ama”), ou dos delírios de grandeza (“Eu não o amo, pois não amo a ninguém, amo somente a mim”).

Em “Comunicações de um caso de paranoia que contradiz a teoria psicanalítica” (1915/2010), Freud amplia essa ideia ao afirmar que “[...] o paranoico luta contra uma intensificação de suas tendências homossexuais, algo que remete, no fundo, a uma escolha narcísica de objeto.” (p. 199). Neste texto, Freud discute sobre a paranoia como defesa contra um conflito homossexual, a partir de um do caso de uma paciente cujo perseguidor, em uma primeira análise, seria um homem.

Assim, um perseguidor que aparece no sistema delirante e cujo sexo se difere do sexo do próprio sujeito, provocaria uma aparente contradição ao que Freud constata em 1911. Porém, após refletir sobre o caso e analisar a construção delirante da paciente, Freud esclarece essa suposta incongruência, apontando que isso se daria:

[...] com uma pequena regressão; em vez de tomar a mãe como objeto amoroso, identificou-se com ela, tornou-se ela própria a mãe. A possibilidade dessa regressão aponta para a origem narcísica de sua escolha homossexual de objeto e, assim, para a predisposição ao adoecimento paranoico nela existente (Freud, 1915/2010, p. 205).

Isto é, o amor pela mãe regredira a uma identificação narcísica, típica da paranoia, como uma tentativa de defesa contra a libido homossexual (Freire, 2001). No delírio da mulher, disfarçadamente, é sua mãe quem ocupa o lugar de “observadora, e perseguidora hostil, malévola” (Freud, 2015/2010, p. 203), através do avanço de um objeto feminino para um masculino.

A respeito da identificação narcísica, Jesus (2016) a entende como uma regressão a um estado primitivo, uma restauração de uma identificação totalitária em que não há diferenciação, e muito menos separação entre o Eu e o objeto. O Eu é, portanto, o objeto. Birman (1999) acrescenta que aquilo que o narcisismo não consegue metabolizar e transformar em semelhante, é tido para o sujeito como hostil e ruim, enquanto, aquilo que é familiar é tido como belo, bom e agradável, tornando o próprio Eu semelhante ao objeto através do processo de identificação. Nesse sentido, a paranoia é uma formação centrada no narcisismo primário, na qual a diferença sexual não se coloca e portanto, o horror frente a homossexualidade se dá pela exigência de um reconhecimento dessa alteridade e da posição de passividade (Birman, 1999).

Na paranoia, o delírio e a projeção atuam de modo que os conteúdos bons permanecem pertencentes ao sujeito, enquanto os conteúdos insuportáveis são exteriorizados, e impostos a ele por uma figura externa, isto é, a figura do perseguidor (Fontenele & Nunes, 2016). Os

delírios de perseguição assumem uma forma patológica em que o outro aparece regressivamente como hostil, que vigia e persegue o sujeito (Nascimento, 2020). Desse modo, no delírio, o paranoico transforma seus conteúdos intoleráveis em imposições advindas de um outro, e que nada mais é do que uma maneira particular de satisfação: o Eu como um objeto de desejo do outro.

Entretanto, ainda que assuma um carácter patológico por não permitir o estabelecimento de uma relação com o outro, a projeção se torna uma ferramenta de sobrevivência do psiquismo, ao externalizar qualquer traço de diferença que o coloca frente a alteridade, que lhe é intolerável (Jesus, 2016). Assim, esse outro é incorporado ao Eu em sua formação como construção de alteridade radical que representa o que há de mais íntimo e de mais estrangeiro para o sujeito (Fontenele & Nunes, 2016), uma ideia que será bastante discutida no texto “O inquietante” (Freud, 1919/2010).

A partir dos conceitos explorados até então, sobretudo a respeito da psicose, do delírio, e da problemática da identificação narcísica, podemos traçar algumas aproximações com a personagem Delphine Dayrieux – respeitando os limites e explorando as possibilidades da extensão do método psicanalítico, como mencionado na introdução deste trabalho. Dificilmente teríamos respostas para os questionamentos que surgem sobre o passado da personagem, e que poderiam nos revelar informações valiosas para a compreensão de seu funcionamento e constituição psíquica. Esta é uma das limitações que se coloca ao nos prestarmos à investigação de obras cinematográficas e literárias.

Considerando o que sabemos, é possível afirmar que a história da personagem é atravessada por figuras parentais que deixaram marcas de profundo desamparo e desvalimento. Sobretudo a respeito da relação de Delphine com a mãe, levantamos a suspeita de que este vínculo foi construído com base em uma identificação narcísica, e que assim, não comportaria a possibilidade de alteridade, exigindo do Eu uma fusão absoluta com a semelhança, e rejeição

radical da diferença. Desse modo, uma vez em que não há um registro que discrimine o que é o Eu e o que é o outro, a emergência de uma separação violenta e absoluta com o objeto – tal como o suicídio da mãe da personagem – se prova um dado de realidade aterrorizante e incompreensível.

É nesse sentido que compreendemos as estranhas manifestações e acontecimentos bizarros na vida da personagem como uma série de construções delirantes que, via projeção, buscam livrar o Eu de todas as ameaças internas que o assombram. Vale ressaltar que todas essas construções têm como ponto central a relação que Delphine mantém com seu duplo, Elle. A ansiedade, a desorganização, as incoerências e confusões, o abuso de medicamentos, o enfraquecimento das relações, as intimidações e, eventualmente, a tentativa de suicídio, nos revelam sinais de uma relação instável com a realidade, e de uma grave desestabilização após o sucesso do livro da personagem. E não seria possível que tamanha exposição tenha agravado os sentimentos de culpa e, conseqüentemente, de persecutoriedade? Assumindo que esse tenha sido um fator importante para o desencadeamento de uma crise, discutiremos sobre a aparição de Elle e sobre a função que o duplo assume na vida de Delphine no quarto capítulo.

3. LACAN: O ESTÁDIO DO ESPELHO E A PSICOSE

Lacan, assim como Freud, entende que existem semelhanças entre o início do desenvolvimento do aparelho psíquico e o modo como este opera nas psicoses (Martins, 2017). Lacan entende narcisismo como uma função psíquica que, no princípio da organização do Eu, organiza as pulsões autoeróticas no sentido de formar uma unidade, e amplia o pensamento freudiano ao discutir com afincado sobre as relações imaginárias nos processos de formação, identificação e diferenciação do Eu, através de uma metáfora, que denomina como Estádio do Espelho (Nascimento, 2020). Dessa forma, Lacan entende que é através do Estádio do Espelho

que o Eu se constitui e supera a completa desorganização corporal, em que o sujeito ainda não reconhece seu corpo como uma unidade, mas apenas como partes fragmentadas (Martins 2017).

O Estádio do Espelho é um modelo de caráter dialético, no qual a consciência se reconhece por meio de um processo composto por tese, antítese e síntese, que acontecem da seguinte maneira, conforme explicam Barbosa et al. (2013): primeiro, a criança percebe sua imagem no espelho, mas não a reconhece como própria, e sim como um outro ser real. Assim, aquele que vejo me olhando no espelho é um outro. Em seguida, a criança entende que a imagem não se trata de um outro real, mas de uma imagem de um semelhante, que ainda não reconhece como própria. O terceiro momento acontece quando a criança entende que a imagem que vê é a imagem de seu corpo. Essa síntese encerra a dialética, de modo que o sujeito é, e simultaneamente não é o outro, pois entende que sua imagem o representa.

Para que essa síntese ocorra, segundo Nascimento (2020) é necessário que o sujeito passe pelo acolhimento de um Outro, tornando-se um corpo pelo investimento dirigido a ele, isto é, adotando uma identificação inicial que lhe atribui uma sensação de unidade. Ainda segundo o autor, a partir desse modelo, Lacan demonstra como a instância do Eu se forma paralelamente ao encontro com o Outro, num processo de identificação com seu semelhante.

Ademais, a respeito da formação das psicoses em Lacan, sabe-se que o autor concebe a forclusão do Nome-do-Pai como a operação de defesa característica dessa estrutura. Esta metáfora, criada a partir do conceito freudiano de recusa (*Verwerfung*), diz respeito a não inscrição do significante, e conseqüentemente, a não inscrição do sujeito no campo simbólico. Nascimento (2020) nos lembra que a constituição do Eu passa pelo reconhecimento da própria imagem, e que isto depende da mediação simbólica do Outro. Como nas psicoses não há inscrição de um significante que organiza o desejo (forclusão do Nome-do-Pai), a relação com a imagem especular torna-se frágil, instável e comprometida.

Nesse quadro, é possível entender a relação entre as formações paranoicas e a imagem especular, uma vez que as construções delirantes, tais como a violação da intimidade, o ataque a honra, a espionagem e a sedução, vão ser resultado do conflito entre a tese e a antítese, e que aqui não foi sintetizada, entre o eu que observa e o eu que é observado (Barbosa et al., 2013), assim como mostra o filme “Baseado em Fatos Reais”.

4. O DUPLO: “ELLE EST DELPHINE”

O psicanalista Otto Rank em “O Duplo: um estudo psicanalítico” (1914) inaugura a discussão sobre o tema do duplo e sua relação com o funcionamento psíquico e a psicopatologia, a partir da mitologia e da literatura, e em articulação com a teoria psicanalítica. (Martins, 2017). Bruno (2024) afirma que as maiores contribuições teóricas de Rank para a psicanálise são sobre o narcisismo, e que este é o ponto chave para a compreensão sobre o tema do duplo.

Rank (1914), discute que a experiência com o duplo faz parte da constituição psíquica de todo sujeito, sobretudo nos momentos iniciais da formação do Eu. Entretanto, a aparição de um duplo se torna patológica quando surge como um mecanismo de defesa radical. O autor explora as diversas formas patológicas de aparecimento e expressão do duplo, e aponta para um ponto em comum: uma espécie de projeção da imagem do próprio Eu (Nascimento, 2020). Nesse sentido, Rank (1914/2003) afirma que:

O sintoma mais evidente desse estado psíquico parece ser um forte senso de culpa que obriga o herói a não assumir a responsabilidade de certos atos de seu Eu, mas sim transferi-la a um outro Eu, um duplo que personifique o próprio diabo. (p. 128)

O autor também afirma que: “As representações literárias [...] não apenas confirmam a concepção freudiana da disposição narcísica à paranoia, mas também reduzem, [...] o

perseguidor principal ao próprio eu, na pessoa inicialmente mais amada, contra a qual se dirige a defesa.” (p. 126). Rank defende que, em sua dimensão patológica, o duplo surge como uma perturbação no Eu provocada por uma ameaça ao narcisismo, como um mecanismo defensivo baseado na projeção, que visa preservar o Eu frente a ameaça de aniquilação. Isto pois, enquanto os traços identificatórios são incorporados ao Eu do sujeito e, portanto, reconhecidos como próprios, os traços intoleráveis e ameaçadores são projetados para o duplo (Martins, 2017). Logo,

Esse mecanismo funcionaria a partir de um conflito mental interno que atravessa os limites de si para uma exteriorização, como um mecanismo defensivo. Entendendo que existe uma tendência de eliminar da consciência qualquer ameaça ao narcisismo, o duplo agiria como uma forma, um outro exterior a si mesmo, que assumiria todos aqueles traços que o Eu considera indesejáveis, que recusa aceitar como seus. (Nascimento, 2020, p.16).

Assim, como um produto do narcisismo primário, o duplo seria uma tentativa onipotente de deter a finitude e, ao mesmo tempo, uma forma de livrar-se dos conteúdos insuportáveis pela projeção destes em algo exterior, isto é, no próprio duplo (Birck, 2017).

Inspirado por Rank, Freud também discorre sobre a temática do duplo no texto “O inquietante” (1919/2010). Entre as diversas possibilidades que levanta a respeito dessa aparição, privilegia-se para este trabalho a noção do duplo como uma formação patológica, que desperta a sensação do inquietante, e que pode se manifestar por inúmeras formas, como por exemplo, em vozes imperativas, delírios de perseguição e alucinações visuais. Mas, antes de ingressarmos nesta discussão, vale ressaltar algumas considerações sobre o texto de 1919.

Nessa época, segundo Menezes (2008), Freud pensava as relações da angústia com a libido recalçada, e “assim, a angústia era um dos resultados possíveis de serem obtidos por transformação da libido liberada com o recalque.” (p. 57) Desse modo, Freud (1919) discute a

problemática do duplo e do inquietante a partir dessa perspectiva - a angústia provocada pelo retorno de um material recalcado - o que a princípio, poderia ser uma limitação para a compreensão da dimensão patológica do duplo como característica nas psicoses.

Ainda conforme Menezes (2008), a partir da segunda tópica, Freud passa a pensar “as relações da angústia com o psiquismo.” (p. 57). Em “Inibição, sintoma e angústia” (1926a), Freud diz que o Eu é a sede da angústia, e frente ao sinal de perigo, ele dá o sinal de angústia, antes que se instale uma situação traumática como na angústia automática. Esta nova compreensão sobre a angústia, como aponta Martins (2017), remete a uma etapa do desenvolvimento em que se observa uma fragmentação da imagem narcísica, o que explicaria sua evidência tanto nos fenômenos do estranhamento na ficção, como no encontro com o duplo nas psicoses.

Em 1919, Freud já marcava impasses na teoria, já que reconhece que algo desse universo extrapola os limites de suas compreensões até então: “Pode ser correto que o *unheimlich* seja o *heimlich-heimisch* [oculto-familiar] que experimentou uma repressão e dela retornou, e que tudo inquietante satisfaça tal condição. Mas o enigma do inquietante não parece resolver-se com essa seleção do material.” (p. 366). Buscando uma compreensão, Freud diz sobre esses casos do inquietante que pareciam exigir outra explicação:

No inquietante oriundo de complexos infantis não consideramos absolutamente a questão da realidade material, cujo lugar é tomado pela realidade psíquica. [...] Poderíamos dizer que num caso foi reprimido um certo conteúdo ideativo, e no outro, a crença na sua realidade (material). *Mas essa última formulação provavelmente amplia o uso do termo "repressão" além de sua fronteira legítima.* (1919/2010, p. 370; grifos nossos)

Essa passagem mostra inferências do autor sobre a recusa como o mecanismo de defesa próprio das psicoses, e mais, diz sobre as origens do fenômeno do duplo e do inquietante em relação a este funcionamento.

Freud reafirma a ideia do duplo como um produto do narcisismo primário, responsável por incorporar o “[...] conteúdo repugnante para a crítica do Eu [...] e todas as tendências do Eu que não puderam se impor devido a circunstâncias desfavoráveis” (1919/2010, p.351.), através da função de uma “instância especial” (1919/2010, p.351) - fazendo referência ao Ideal do Eu - que assume a função de auto-observação e à autocrítica, capaz de tratar o Eu como um objeto. O duplo ocupa o lugar de um outro, conforme explica Birck (2017), atuando como regulador, porém, ainda na esfera do Eu Ideal, este outro é na realidade produto de uma identificação maciça, o sujeito como referente para si mesmo, como mostrou Lacan a partir do Estádio do Espelho, apresentando a função das relações imaginárias nos processos de formação, identificação e diferenciação do Eu.

Dessa maneira, Freud concorda com Rank sobre o duplo surgir, inicialmente, como uma proteção ao Eu, ou seja, como uma defesa onipotente frente uma ameaça de aniquilação que abala o narcisismo, em uma tentativa, através da divisão do Eu e da projeção patológica, de expulsar tais conteúdos ameaçadores que não podem ser incorporados ao Eu, tornando-os alheios e externos. Martini (2020) e Jesus (2016) explicam, sobre o texto de 1919, que no evento do duplo o Eu é dividido em duas partes: uma familiar, que contém os conteúdos identificatórios, e outra que se torna infamiliar, projetada como algo que advém do externo. Marte (2021).

É nesse sentido que Freud aproxima os aspectos patológicos na formação do Eu a uma regressão a um momento anterior em que os conteúdos internos e externos eram indiscriminados, “em que o Eu ainda não se delimitava nitidamente em relação ao mundo externo e aos outros.” (Freud, 1919/2010, p. 354). Assim, Freud define o inquietante como

“[...] aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar.” (1919/2010, p. 331) e afirma que a angústia é provocada a partir do encontro com este duplo, algo que paradoxalmente só pode ser *desconhecido* por ter sido familiar em um momento anterior.

Podemos agora pensar sobre os momentos iniciais da relação que assistimos entre Delphine e Elle, considerando qual a função que o duplo assume na vida da escritora. As primeiras aparições de Elle provocam no telespectador uma sensação inquietante. Através de recursos audiovisuais, o filme permite que o público experimente a intriga, a desconfiança e o encanto que Delphine sente por Elle no começo da trama. Elle é alguém que, apesar de ser uma estranha, é capaz de enxergar e tocar a intimidade de Delphine com facilidade. É esta a dinâmica do sujeito que, em uma relação de si consigo, se encanta à medida que se reconhece naquilo que é semelhante e recusa aquilo que é diferente. É este o esforço de um Eu cindido que se duplica e projeta suas partes indesejáveis, tornando-as irreconhecíveis.

Não coincidentemente, no começo do filme, Elle aparece para Delphine sempre em momentos de profunda angústia, desespero, ansiedade e frustração. Esses momentos acontecem, principalmente, quando a personagem se aproxima da culpa ameaçadora que sente pela exposição da história do adoecimento e do suicídio de sua mãe – fato incompreensível para Delphine, que mantinha com a mãe uma relação narcísica de identificação e assim, não pode assumir sua perda, pois essa separação implicaria na ameaça da própria morte. Nesse sentido, Elle aparece como uma figura que oferece alento e segurança, alguém que é confiável e capaz de suportar toda a desorganização e hostilidade de Delphine.

Segundo Freud (1919/2010), a regressão ao funcionamento narcísico é uma defesa pouco eficaz, pois não livra o Eu dos sentimentos de estranheza, angústia e do inquietante; não soluciona a incapacidade de discernir o que é interno do que é externo, o que é próprio e o que é do outro, e esse estranho que aparece como um amigo sedutor que exige fidelidade é produto

dessa confusão (Marte, 2021). Assim, o psiquismo busca livrar-se da inquietante estranheza resultante do encontro com um duplo que não se diferencia do Eu mas, ao mesmo tempo, não é reconhecido como si próprio (Jesus, 2016). Nesse sentido,

[...] via de regra o duplo é a figura que provoca tanto fascinação, quanto horror.

Inicialmente, é aquele que causa espanto, incredulidade (e que nesse sentido atrai aquele que se descobriu duplicado), para em seguida provocar a perseguição e consequente temor, e mesmo o desejo de aniquilamento, pois o duplo, não raro, ou na grande maioria das vezes, é a aparição que usurpa o que é do sujeito [...] que se percebe cada vez mais impotente. (Birck 2017, p.55)

Desse modo, a instabilidade e a precariedade dessa defesa levam o duplo, em um momento posterior, a assumir um papel inverso na vida do sujeito: ao invés de protegê-lo, torna-se ameaçador, “[...] de garantia de sobrevivência, passa a inquietante mensageiro da morte.” (1919/2010, p.352). A respeito disso, Lacan retorna ao texto freudiano de 1919 para discutir sobre a experiência do duplo em articulação com o Estádio do Espelho e a psicose, evidenciando sobretudo o carácter ambivalente do duplo: ora protetor, ora perseguidor. Para Lacan, o duplo também surge, inicialmente, como uma defesa ligada à onipotência narcísica, em uma tentativa de negar a castração e a finitude, mas que em outro momento posterior, transforma-se em um perseguidor que ameaça e atormenta o sujeito (Nascimento, 2020).

Sobre o primeiro tempo do duplo, Martins (2017) diz que “A irrupção do duplo pode ser compreendida como uma forma de organizar, imaginariamente, o sentido da realidade externa, que é invadida por elementos estranhos a ela, provenientes daquilo que foi foracuído da realidade psíquica.” (p. 52). Nascimento (2020) afirma que a busca pela compensação para a foracusão é uma exigência característica da estrutura psicótica como um todo. Uma vez que a realidade não é organizada por um significante fálico do simbólico (o Eu e o Outro simbolicamente indiscriminados), a tentativa de localizar-se na alteridade e de reconhecer-se

na realidade pode ser facilitada pela identificação com o similar. Ou seja, um sujeito que busca narcisicamente “uma posição para si através de uma afirmação da relação com o outro semelhante.” (p.38).

Ainda segundo Nascimento (2020), assim surge a possibilidade de recorrer ao duplo, como uma compensação ao nível imaginário, em que “[...] o sujeito psicótico, através de uma operação de imitação, forma uma identificação direta [...] que lhe serve de proteção por mediar os significantes invasivos vindos do campo do Outro, possibilitando uma localização na realidade.” (p.39). É esta a função do duplo que aparece como uma defesa patológica na psicose, fruto do narcisismo, e que toma forma em uma construção delirante. Seu objetivo é expulsar via projeção os conteúdos intoleráveis, e defender-se de maneira onipotente contra a ameaça de desintegração. Assim faz Delphine, nos momentos de profunda ansiedade frente ao intenso sentimento de culpa que toma carácter amedrontador.

O duplo cumpre sua função ao estabelecer uma relação de identificação – não pela alteridade, mas sim pela semelhança - que possibilita uma localização frente a realidade. Esta é uma forma de compensação que organiza a realidade para o sujeito, e assim permite uma estabilização momentânea, tal qual a personagem experimenta no início da relação com Elle.

Ainda que o duplo seja uma possibilidade de estabilização, essa compensação identificatória é frágil, instável e ambivalente, podendo ser esgotada. Martins (2017), também resgatando o modelo dialético lacaniano, pontua que em todos os fenômenos de encontro com o duplo, há uma alienação do sujeito em relação a própria imagem, ou seja, uma alienação do sujeito no outro, e que este tipo de identificação primária, ainda que seja uma possibilidade de estabilização para o sujeito, que carrega em sua essência uma tensão imaginária. Na psicose, o sujeito projeta tudo aquilo que é censurável como externo, e com isso, o mesmo duplo que lhe serve como ideal semelhante também representa um receptáculo de sua agressividade, de tudo aquilo que é indesejável e intolerável. Desse modo, resgata-se a ideia do inquietante em Freud

(1919/2010), do duplo que aparece como objeto de estranheza, à medida que algo do universo íntimo é percebido como externo, e desprendido da realidade enquanto simbolizável. Nascimento (2020) diz:

Esta captação identificatória à qual o sujeito está submetido pela imagem do outro, demonstra estar inserida dentro do campo da paranoia, onde uma identificação sem mediação de um terceiro, colado em um ideal, começa em determinado momento a se tornar instável, revelando a agressividade que está presente dentro do carácter ambivalente. (p.52)

Ademais, segundo o autor, esta identificação alienante provoca tensão, colocando o narcisismo e a agressividade como elementos que se manifestam conjuntamente, uma vez que, assumindo a lugar de uma imagem especular, a existência de um duplo anuncia uma condição de heteronomia, levando-o a assumir um carácter persecutório, especialmente quando, segundo Martins (2017), o sujeito vivencia o sentimento de culpa. O autor afirma:

É nesse sentido que podemos indicar que a formação do duplo traz consigo um carácter ambivalente, próprio da constituição do Eu, na medida que provém de uma identificação narcísica, mas sua incorporação também inclui, por definição, o aniquilamento e a destruição do sujeito por seu objeto. (p.47)

Além disso, Nascimento (2020) identifica outra problemática, pois esta relação também coloca o sujeito à mercê do desejo do Outro, sendo uma “[...] posição essa extremamente invasiva para a psicose, que não possui simbolicamente o operador fálico que produza uma barreira contra a invasão deste desejo, deixando a sensação manifesta de estar sempre em vias de se tornar objeto de gozo do Outro.” (p. 49). Martins (2017) concorda com essa proposta, e diz que “[...] se a ligação de cada objeto ao outro é feita através da libido narcísica, no plano dual, no universo fechado a dois, o outro é aquele que dá margem à possibilidade ou não de minha própria existência.” (p.18). Ainda segundo o autor, o duplo é protetor na medida em que

garante ao sujeito sua coexistência a partir deste laço, mas sem mediação do simbólico e, portanto, sem possibilidade de separação, simultaneamente o duplo mantém o sujeito aprisionado nessa relação simbiótica, e que pode assim assumir um carácter inverso: ameaçador, controlador, persecutório e invasor.

Portanto, a irrupção de um duplo não remenda por completo a fissura da forclusão, “[...] já que essa identificação é feita sem o suporte de mediação da significação fálica, ou seja, sem um suporte em âmbito do significante do Nome do Pai foracluído.” (Nascimento, 2020, p.50). Quando há algo que se apresenta como uma exigência frente a essa falta constitutiva, há também a demanda excessiva dessa defesa, que se mostra insuficiente, e assim, o duplo não mais cumpre a função de mediador e protetor, mas inverte seu papel, assumindo uma tendência agressiva e persecutória, levando à desestabilização.

Mesmo que em um primeiro momento o psicótico tente se orientar na alteridade pela construção imaginária de um duplo semelhante, há um carácter ambivalente próprio dessa elaboração, que se revela a medida em que o duplo assume características agressivas, imperativas, persecutórias e ameaçadoras. Nesse segundo momento o duplo é aquele que se antecipa ao sujeito, rouba seu livre arbítrio, o destitui de seus planos e sabota seus relacionamentos (Birck, 2017). O duplo torna-se avesso ao trabalho, a ética e ao amor; torna-se um amigo degenerante, tirânico e onipotente; envenena a comida, ataca os vínculos, instiga a desconfiança, impossibilita o cuidado de si e destrói a possibilidade de aproveitamento da vida; um duplo que “[...] promete os céus, forçando o humano ao caminho da vida infernal.” (Marte, 2021, p. 72).

Ao longo da trama, é esta a mudança que observamos na relação entre Delphine e Elle. A irrupção de um duplo como mecanismo de defesa na psicose se mostra um recurso frágil e ambíguo, o que é ilustrado no filme a medida em que Elle assume características controladoras, transgressoras e persecutórias. Na tentativa de se livrar dos conteúdos hostis e indesejáveis, o

sujeito os projeta na figura do duplo, que passa a não mais servi-lo como uma via de identificação pela semelhança e fonte de segurança, estabilidade e proteção, adquirindo assim um carácter oposto, sendo agora: o receptáculo da agressividade, como vemos nos ataques de fúria e ciúmes de Elle; o salteador que rouba do sujeito sua identidade e autonomia, tal como Elle, que se infiltra na vida de Delphine, passa a tomar decisões por ela e a ocupar seu lugar no mundo, deixando-a cada vez mais dependente; e o sabotador, que atua no desvinculo consigo e com o outro, assim como Elle faz ao isolar Delphine, rompendo relações importantes, incitando o abuso de medicamentos e o desarranjo de seus compromissos e responsabilidades.

O inevitável desfecho para essa tensão culmina na aniquilação da dupla: seja a do duplo, seja a do sujeito. A medida em que o duplo revela seu carácter persecutório, invasor e usurpador, o sujeito sente a ameaça do roubo da própria identidade, e busca livrar-se dessa cópia que parece não só ter ganho autonomia, como também a capacidade de o controlar (Nascimento, 2020). É o que acontece, já no final do filme, quando Delphine e Elle vão para o chalé do marido, afastado da cidade. No delírio de Delphine, é Elle quem a trata com hostilidade e agressividade, culminando na tentativa de envenenamento. Entretanto, sabemos que se trata de uma tentativa de suicídio da personagem: é Delphine que se envenena.

Segundo Martini (2020):

Este é o narcisismo do duplo, o amor último por si próprio, de modo que até o suicídio e a perda da vida podem ser preferíveis ao tormento da perda da imagem de si. Ao tentar eliminar o duplo, o protagonista quer livrar-se da culpa, dos desejos incestuosos, dos impulsos repreensíveis, dos aspectos maus de si que projetou nesse outro Eu. (p.159)

À mercê das ameaças e mandatos, o Eu tende ao abismo existencial e a romper por completo o vínculo com a realidade, e assim, é possível que o sujeito atue em uma tentativa de promover uma separação drástica com o outro, mas que é também uma forma de agressão a si

mesmo, levando-o rumo a descarga mais radical e eficiente: a morte (Marte, 2021). Ainda que o extermínio do duplo possa acarretar na auto aniquilação, e vice-versa, o sujeito vê esta como a única possibilidade de fim para sua tormenta (Birck, 2017).

No ápice de sua desorganização psíquica, frente a uma ameaça de completa desintegração, é esta solução violenta que Delphine encontra, a fim de eliminar todas as perturbações que a assombram e se livrar absolutamente desta tensão. Todavia, incapaz de reconhecer o próprio adoecimento, Delphine transfere a Elle a responsabilidade pelo ato. É Elle quem a deseja morta, ainda que *Elle est Delphine*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, procuramos ilustrar o fenômeno do duplo na psicose, com ênfase na sua dimensão persecutória, a partir da análise do filme *Baseado em Fatos Reais*. A motivação inicial para esta investigação surgiu a partir de uma inquietação subjetiva e estética, que encontrou aparato para ser elaborada no referencial psicanalítico e na dimensão de extensão do método. Assim, a análise desenvolvida foi atravessada pelo investimento afetivo e transferencial que se direcionou à trama entre as personagens Delphine e Elle, cuja relação despertou a hipótese fundamental deste estudo: Elle é o duplo de Delphine, e se apresenta no delírio da personagem.

Para tanto, inicialmente foi realizado um recorte da obra cinematográfica, evidenciando os principais aspectos da relação entre Delphine e Elle. Em seguida, introduzimos conceitos fundamentais sobre psicose e o duplo em Freud e Lacan, com o objetivo de estabelecer a interface proposta entre o filme e o referencial psicanalítico. Por fim, articulamos os conceitos trabalhados à trama que assistimos se desenvolver entre as personagens, cumprindo assim com o objetivo desta pesquisa, bem como confirmando a hipótese levantada.

A partir de Freud (1911, 1914) compreendemos que a psicose implica uma ruptura com a realidade, sendo o delírio uma tentativa de remendo para essa cisão entre o Eu e o mundo externo. Aprisionado no narcisismo primário, para o sujeito psicótico não há uma discriminação nítida entre os conteúdos internos e externos, entre o Eu e o outro. A construção delirante, nesse contexto, não se limita a um conteúdo aberrante, mas assume o lugar de uma elaboração necessária diante da recusa (*Verwerfung*) da realidade. Lacan amplia esse entendimento ao articular a psicose à forclusão do Nome-do-Pai, evidenciando o comprometimento do eixo simbólico e as dificuldades de mediação com o Outro. Ao apresentar o Estádio do Espelho, o autor oferece uma compreensão sobre a constituição do Eu enquanto instância imaginária, o que permite uma leitura mais refinada da relação entre Delphine e Elle, marcada pela identificação especular e pela fragilidade dos limites entre o Eu e o Outro.

A irrupção de um duplo, tal como explorado por Otto Rank (1914) e retomada por Freud (1919), acontece inicialmente como uma formação protetiva, um produto do narcisismo primário, e que tem a função de garantir uma continuidade do Eu frente à ameaça de desintegração. Contudo, essa mesma formação revela-se ambivalente, podendo inverter sua função e tornar-se o próprio agente de ameaça. Na psicose, essa inversão ocorre de modo particularmente radical, uma vez que a fragilidade das fronteiras psíquicas compromete a diferenciação entre o que é interno e o que é externo. O inquietante, conforme discutido por Freud (1919), emerge justamente dessa experiência de retorno do familiar que se tornou estranho, e o duplo, enquanto figura da alteridade especular, representa a encarnação deste estranho-familiar que desestabiliza o Eu.

Desse modo, a análise da trama entre Delphine e Elle permitiu demonstrar como essa configuração se manifesta de forma vívida na construção delirante da personagem. A repetição de elementos especulares, a simetria entre as personagens, as contradições e incoerências que despertam a dúvida sobre a fronteira entre o que é real e o que é imaginação, e claro, os indícios

de que apenas Delphine interage com Elle, são elementos cinematográficos que levantaram a hipótese da construção delirante e que foi possível demonstrar neste estudo.

O surgimento de Elle, em momentos de intensa angústia e desorganização, ilustra o esforço psíquico de Delphine para localizar-se na realidade por meio da identificação com um semelhante. Contudo, a progressiva intensificação dessa relação revela seu caráter patológico: Elle torna-se controladora, persecutória e usurpadora, configurando-se como ameaça à integridade de Delphine. A sequência final do filme, que culmina na tentativa de suicídio da protagonista, aponta para o colapso dessa defesa, momento em que o duplo já não mais cumpre sua função de mediação, mas se transforma no próprio vetor da desintegração.

A relação entre Delphine e Elle ilustra o funcionamento psicótico marcado pela construção de um duplo como tentativa de estabilização diante da ameaça da perda de sentido e da fragmentação do Eu. Contudo, essa tentativa é marcada pela ambivalência, sendo o duplo também o portador dos conteúdos recalçados ou foracluídos, e portanto, simultaneamente o abrigo e o algoz.

Aqui cabe o seguinte questionamento: frente ao suicídio da mãe, com quem supomos que mantinha um laço narcísico, poderia o adoecimento de Delphine ser uma melancolia, e não uma paranoia?

Sobre as semelhanças entre a paranoia e a melancolia em Freud, Jesus (2016) assinala que há em ambas uma resposta patológica frente perda do objeto de amor, uma prevalência da identificação narcísica, e uma relação instável com a realidade, dada a indiscriminação entre o Eu e o outro. Mas, ainda segundo o autor, a paranoia e a melancolia possuem funcionamentos psíquicos distintos; diferentes formas de respostas frente ao outro e; diferentes desdobramentos quanto ao impasse da identificação narcísica.

Na melancolia, o psiquismo recorre a incorporação do objeto em uma tentativa de mantê-lo para sempre, e assim, é capaz de condensar o próprio Eu ao objeto perdido

(idealizado). Já na paranoia, o psiquismo recorre a uma ênfase na exteriorização, o que exige o uso da projeção de forma patológica em resposta a uma alteridade que não pode ser reconhecida, projetando o objeto para fora. A relação cindida com o mundo faz com que qualquer inscrição da diferença seja vista como ameaçadora. Outra importante diferença, refere-se à qualidade da emoção nas duas patologias: enquanto o melancólico continua sentindo amor pelo objeto, na paranoia, o objeto perdido que antes fora amado torna-se odiado, e quando projetado, ameaçador.

Dado esse panorama, Freud coloca tanto o melancólico quanto o paranoico como sujeitos aprisionados no narcisismo, porém ele discrimina duas patologias, principalmente em termos de mecanismos de defesa. Enquanto o melancólico dispensa a externalização e recorre à incorporação do objeto, o paranoico projeta sua hostilidade, recebendo-a a partir do outro (Jesus, 2016). Desse modo, é possível localizarmos Delphine no campo da paranoia pelos traços que Elle assume na relação, já que é uma figura que provoca estranheza, ameaça e persegue. Esse quadro caracteriza uma projeção exacerbada e patológica: o duplo não se diferencia do Eu, mas também não é reconhecido como si, conforme aponta Jesus (2016).

Para terminar, gostaríamos de propor uma breve reflexão sobre as possíveis implicações deste trabalho, que surge a partir de uma articulação entre o real e a fantasia, para o trabalho clínico. Nesse sentido, a análise do fenômeno do duplo na psicose nos convoca a um cuidado ético diante da delicada relação entre o sujeito e seu mundo interno, em especial quando este mundo encontra-se à beira do colapso. Compreender os mecanismos de defesa implicados nesse funcionamento e os sentidos possíveis de um delírio é fundamental para que a escuta clínica não seja orientada por uma lógica de correção ou adaptação, mas sim por uma aposta na possibilidade de elaboração simbólica, mesmo que parcial e frágil.

Em “Construções em análise”, Freud (1937/1980) aponta que:

Os delírios dos pacientes parecem-me ser os equivalentes das construções que erguemos no decurso de um tratamento analítico – tentativas de explicação e de cura (...) Será tarefa de cada investigação individual revelar as conexões íntimas existentes entre o material da rejeição atual e o da repressão original. *Tal como nossa construção só é eficaz porque recupera um fragmento de experiência perdida, assim também o delírio deve seu poder convincente ao elemento de verdade histórica que ele insere no lugar da realidade rejeitada.* (p.303)

O autor termina dizendo que sua proposição de que as histéricas sofrem de reminiscências, anteriormente restrita apenas a histeria, se aplicaria muito bem aos delírios. Ou seja, aqueles que sofrem deles estão sofrendo se suas próprias reminiscências.

A clínica com sujeitos psicóticos exige de nós a escuta do que há de mais singular em cada um, e esse trabalho, ao lançar luz sobre o duplo enquanto figura estruturante e desestabilizadora, oferece mais uma via para o acolhimento e a compreensão da alteridade radical que habita esses sujeitos.

REFERÊNCIAS

- Barbosa, M. et al. (2013). O duplo como fenômeno psíquico. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16(3), 475-488. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142013000300012>
- Birck, C. (2017). *O duplo na literatura e na psicanálise: entre o terror e o fascínio*. [Tese de Doutorado, UFRJ]. Repositório. <https://teopsic.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/06/Tese-homologacao-Cristina-B-1.pdf>
- Birman, J. (1999). *Sobre a psicose*. ContraCapa.

- Bruno, B. (2024). *O duplo na literatura: o duplo da literatura*. [Dissertação de Mestrado. UFF]. Repositório. <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/34514/Dissertação%20-%20Breno%20Monteiro%20Bruno.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Fontenele, H & Nunes, L. (2016). Considerações acerca do supereu a partir de Schreber. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 50(4), 161-174.
<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v50n4/v50n4a13.pdf>
- Freire, J. (2004). *Do delirante ao ficcional: um estudo sobre a situação psicanalítica em um caso de paranóia*. [Tese de Doutorado. Unicamp]. Repositório.
- Freire, M. (2001). *A escritura psicótica*. [Tese de Doutorado, Unicamp]. Repositório.
- Freud, S. (1911/2010). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (*dementia paranoides*) relatado em autobiografia (“O caso Schreber”). In S. Freud (Ed.) *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911–1913)* (Vol.10, pp. 9–80). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1914/2010). Introdução ao narcisismo. In S. Freud (Ed.) *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914–1916)* (Vol.12, pp. 13-50). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1915/2010). Comunicação de um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica. In S. Freud (Ed.) *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914–1916)* (Vol.12, pp. 195–208). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1916–1917a/2014). Conferências introdutórias à Psicanálise: o simbolismo dos sonhos. In S. Freud (Ed.) *Conferências introdutórias à psicanálise (1916–1917)* (Vol.13, pp. 200–229). Companhia das Letras.

- Freud, S. (1916–1917b/2014). Conferências introdutórias à Psicanálise: o estado neurótico comum. In S. Freud (Ed.) *Conferências introdutórias à psicanálise (1916–1917)* (Vol. 13, pp. 500-519). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1919/2010). O inquietante. In S. Freud (Ed.) *História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917–1920)* (Vol.14, pp. 275–376). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1923a/2011). “Psicanálise” e “Teoria da Libido”. In S. Freud (Ed.) *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)* (Vol.15, pp. 273-308). Companhia das Letras
- Freud, S. (1923b/2011). O Eu e o Id. In S. Freud (Ed.) *O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923–1925)* (Vol.16, pp. 13-74). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1924a/2011). Neurose e psicose. In S. Freud (Ed.) *O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923–1925)* (Vol.16, pp. 176-183) Companhia das Letras.
- Freud, S. (1924b/2011). A perda da realidade na neurose e na psicose. In S. Freud (Ed.) *O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923–1925)* (Vol.16, pp. 214-221) Companhia das Letras.
- Freud, S. (1924c/2011). Resumo da Psicanálise. In S. Freud (Ed.) *O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923–1925)* (Vol.16, pp. 222-251) Companhia das Letras.
- Freud, S. (1926a/2014). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud (Ed) *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926–1929)* (Vol.17, pp. 13-123). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1926b/2014). Psicanálise. In S. Freud (Ed) *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926–1929)* (Vol.17, pp. 311-321). Companhia das Letras.

- Freud, S. (1933/2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise: Angústia e instintos. In S. Freud (Ed.) *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930–1936)* (Vol.18, pp. 224-262). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1937/1980). Construções em análise. In S. Freud (Ed.). *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Imago.
- Hermann, F. (2015). O método da psicanálise. In F. Hermann (Ed.), *O que é psicanálise: para iniciantes ou não...* (Cap.2, pp. 21-32). Blucher.
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica?. *Ágora*, 6(1), 115-138.
<https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>
- Jesus, D. (2016). *Paranoia e alteridade: o duplo perseguidor*. [Dissertação de Mestrado. UFRJ]. Repositório. <https://teopsic.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/06/Dissertacao-de-mestrado-DANIEL-PINHO-SENOS-DE-JESUS.pdf>
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1970). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo.
- Marte, B. (2021). Eu sou o meu próprio inferno. Considerações sobre o superego e o duplo: os íntimos estrangeiros. *Boletim Formação em psicanálise*, 29(1), 57-76.
<https://doi.org/10.56073/bolformempsic.v29i1.28>
- Martini, A. (2020). O rival semelhante: uma resenha crítica sobre *O duplo* de Otto Rank. *Caderno de Psicanálise*, 42(42), 155-171.
<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v42n42/v42n42a10.pdf>
- Martins, J. R. (2017). *A experiência do duplo especular nas psicoses*. [Dissertação de Mestrado. UFRJ]. Repositório. <https://teopsic.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/06/dissertacao-juliana-martins1.pdf>
- Menezes, L. S. (2008). *Desamparo*. Casa do Psicólogo.

- Menezes, L. S. (2016). A dimensão de extensão do método psicanalítico. *Boletim Formação em Psicanálise*, 24(1), 15–26. <https://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/2016-1-boletim-1.pdf>
- Nascimento, R. (2020). *O fenômeno do duplo na clínica com as psicoses*. [Dissertação de Mestrado. UFRJ]. Repositório. <https://teopsic.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/06/DISSERTACAO-COMPLETA-RAFAELA-NASCIMENTO-1.pdf>
- Polanski, R. (Diretor). (2017). D’après une Historie Vraie. Wassim Béji
- Rank, O. (1914/2013). *O duplo: um estudo psicanalítico*. Dublinense
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: Metodologia e fundamentação teórica. *Mal-Estar e Subjetividade*, 4(2), 329-348, 2004. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008